

RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

REDACTORA
GUIOMAR TORREZÃO

1.^a SERIE

LISBOA, 12 DE MARÇO DE 1881

NUMERO 13

GERENTE
HENRIQUE ZEFERINO

EXPEDIENTE

Esperamos dever aos srs. assignantes das provincias o favor de nos enviarem a importancia das suas assignaturas em estampilhas. Os srs. assignantes da EVOLUÇÃO que deixem de receber as RIBALTAS devem considerar-se indemnizados; aquelles que desejarem assignar para a nossa revista terão a bondade de prevenir-nos. As RIBALTAS E GAMBIARRAS saiem todos os domingos, custando avulso 20 réis e por assignatura de 25 numeros, 500 réis. Depois de publicados 52 numeros, correspondentes ao anno, a Empreza offerecerá aos seus assignantes uma capa para os mesmos, custando o volume avulso 1\$200 réis.

CHRONICA ALEGRE

Que semana, deuses immortaes, que semana!

D'esta vez não são os localistas que a espremem no seus dedos nervosos, injectando-a com tinta violeta e operando-a a penna de aço, é ella que se lhe impõe conscia da elevada cathogoria inherente a uma semana que fez uma bernarda.

Em presença d'esta semana e em holocausto áquella bernarda a chronica sente a necessidade impreterivel de infligir a si propria o mais humilhante de todos os castigos.

Ella ousou uma vez, referindo-se á cerimonia patriotica da inauguração das sessões parlamentares, rir uma boa risada sonora ao som do hymno e ao desfilar da tropa, parecendo-lhe em verdade que os srs. officiaes que a esmaltavam com o escarlata das suas bandas, o fulgor das suas commendas e a faiscação das suas espadas não eram perfeitamente o ideal de um guerreiro, tal qual nol-o pintam as telas de Salvador Rosa e as chronicas de Fernão Lopes.

Parecera-lhe igualmente que os mesmos srs. officiaes, e especialmente os srs. alferes, exhalavam de seus lenços de baptista e das suas luvas de 5 pontos, em vez do cheiro da polvora o aroma do *ylang-ylang* inseparavel do *petit parfumé*, esse modelo da galanteria masculina que acaba de succeder, sob uma fórma mais aperfeiçoada e com um titulo menos correcto, ao *petit crevé* e ao *gommeu*.

Chegára mesmo a duvidar da bravura de ss. ex.^{as}, a não ser em presença dos corações sentimentaes das bellas e dos buffetes pipiparos das ceias.

Presumira — a audaciosa! — que se acaso a *hydra da anarchia* — uma das tres hydras que se dão ao passatempo de passeiarem todas as semanas atravez de todos os jornaes — ousasse abandonar o seu envolvero intangivel de figura de rhetorica para assumir o envolvero palpavel da figura de Zé povinho revolucionado, ou se por ventura a theoria da união iberica passasse de ser um pretexto para as phylarmonicas lembrarem ás suas cabeças de bicha o hymno de 1640 e para os pyrotechnicos extrahirem grosas de foguetes, a ser uma realidade ameaçadora, convulsionando a nação e arrancando-a á sua doce imprevidencia, os srs. militares em vez de pôrem balas no peito dos subditos do sr. D. Alfonso XII poriam beijos nas mãos das suas salerosas vassallas.

Oh! como ella — chronica — confessa arrependida o seu delicto ao reconhecer a falsidade das suas conjecturas!

Os factos occorridos a proposito de Lourenço Marques, — um pequenino alfinete de ouro, com apparencia de pichisbeque, que figurava na nossa pregadeira colonial e que os srs. ministros tiveram a graciosa lembrança de espetar na pregadeira da rainha Victoria, exactamente como o sr. Fontes pendurou amavelmente ao peito do sr. Paiva de Andrada, a Zambezia, — esses factos que pavoraram de pavoros tragicos o Terreiro do Paço e que encheram de hypotheses

terrorificas a rua de S. Bento, provaram da maneira a mais convincente o valor audacioso do exercito.

Elle que poderia ter permanecido inabalavel e quedo á sombra dos seus louros, encostado ás suas espingardas e protegido pelas suas barrelinas, em quanto avançava, como uma enorme onda preta de fracks encapellados, o povo, agitando allucinadamente as mãos... no empenho regicida de tirar da algibeira uma moeda de dez réis para comprar os supplementos, erguendo protestos ameaçadores... ao pizarem-lhe os callos, soltando gritos subversivos... para chamar carros americanos; elle, experimentando o prurido epico que determina o feito heroico arrojou-se cegamente ao encontro do inimigo, cortando o ar com a sua espada rutilante, como o gladio do archanjo de Milton, e devorando os arruamentos com o galope dos seus bellos cavallos nédios e folgados.

A tarde descia pondo no cariz do céu, de um azul espelhante, o tom rubro de um incendio crepuscular. As amendoeiras no recosto das collinas abriam os seus leques verdes estrellados de petalas brancas, a paizagem eminente ao recinto sagrado do Parlamento esmorecia esfumada nas indecisões da meia luz e enviava de longe um sorriso meigo á carranca enfarruscada da frontaria de S. Bento. Deputados progressistas saiam cozendo-se com as paredes. Cães uivavam. Mulheres ganiam: *morra a guarda!*

Uma vaga sensação retrospectiva do 89 e do 92 apertava os corações e vibrava no ouvido, cortada bruscamente pelo pregão do cauteleiro, offerecendo a lista geral.

N'este grande lance supremo e critica praticaram-se gentilezas de valor nunca assaz lembradas.

Os soldados, não tendo absolutamente ninguem com quem esgrimir, atacaram denodadamente a sua propria sombra.

Os officiaes, procnrando de balde um pretexto para manejar as suas espadas, vingaram-se nobremente enterrando a rozeta nos seus cavallos.

Foi então que Lisboa em presença d'essa furia mavorcica e dos boatos de que ella era origem, convencida de que effectivamente havia uma revolução, resolveu ir procural-a, percorrendo para isso todas as ruas, todos os becos, todas as travessas, desde Santa Apollonia até Alcantara. Á hora em que escrevemos, Lisboa-Ashaverus continúa a sua inutil peregrinação, ao passo que a provincia assustada desentranha-se em telegrammas.

Que Lisboa nos tranquillise ácerca do resultado da sua laboriosa investigação e que o exercito nos aceite, em signal de arrependimento, a trova da Gran Duqueza:

J'aime les militaires j'aime!

G. T.

BIBLIOGRAPHIA

GARRETT, MEMORIAS BIOGRAPHICAS por Francisco Gomes de Amorim.

A primeira impressão que se experimenta lendo-se este compacto volume de 598 paginas, abundantemente subsidiado de documentos historicos, subordinado a uma investigação minuciosa, attendendo simultaneamente a todas as informações, boatos, tradições e correspondencias, por mais remotas e esquecidas, que possam deramar luz sobre a existencia preterita de um homem e sobre a phisionomia litteraria de um escriptor, é a veneração pelo trabalhador corajoso e paciente que não duvidou consagrar-lhe uma parte da sua vida. E isto é tanto mais para louvar e admirar quanto é certo

que o sr. Francisco Gomes de Amorim escreveu para um publico indifferente e hostile, que difficilmente faz uma reputação sem descontar as flores que lhe atira ao acaso com os espinhos que premeditadamente lhe põe debaixo dos pés.

Estes trabalhos de reconstrução historica e biographica, preciosos a todas as nações e indispensaveis em todas as litteraturas, não tem em Portugal senão um limitado numero de pessoas que os cultive e outro ainda menor que os aprecie.

Quando em França, Inglaterra, Italia ou mesmo em Hespanha um escriptor intenta a explanação de outro escriptor, das fases da sua existencia moral, intellectual e social, mediante o conhecimento das quaes, avaliadas em face da critica positiva, se deduz a ideia nitida do pensamento d'esse homem, da influencia exercida por elle na sua epocha, dos elementos perfectiveis que elle trouxe á obra da evolução humana correspondentes á civilisação moderna,— todos os braços se estendem para esse braço laborioso, para essa mão operosa que revolve os escombros do passado tentando arrancar-lhes a obra prima de um operario mental, para essa cabeça pensativa, inclinada para os livros, como os alchimistas para a retorta, e todos sem distincção concorrem para facilitar a tarefa a alumiar a penumbra onde se esfumam os factos remotos.

Em Portugal succede exactamente o contrario. Difficuldades, por vezes invenciveis, creadas por despeitos pueris, pela má vontade dos ociosos ou pelo rancor de pretendidos agravos que nem o frio da morte conseguiu apagar, salteiam a cada passo o biographo, que não encontra por outro lado a menor protecção nos poderes constituídos.

Ainda não ha muito tempo, se a memoria não me atraiçoa, que o sr. Francisco Gomes de Amorim referiu no *Diario de Noticias*, alludindo á ideia iniciada por elle de se dar ao Chiado o nome de Garrett, particularidades curiosas acerca d'esse estímulo negativo e anonymo que premeia trabalhos identicos e que o tem acompanhado implacavelmente durante a sua larga peregrinação biographica.

Gomes de Amorim lutava alem d'isso, em relação á parte pensante do publico, com a prevenção de que não podesse elle, segundo se presumia anticipadamente, escrever de Garrett com a imparcialidade insuspeita de um juiz, incompatível, até certo ponto, á devoção acrisolada de um amigo e discipulo convicto.

Essa preocupação que se transmittiu, como não podia deixar de succeder, ao criterio penetrantissimo de Gomes de Amorim, transluz por vezes visivelmente na exposição prolixa de algumas pequeninas vaidades do poeta, biographado, que o biographo cita frequentemente como que para evidenciar que não está ali o amigo indulgente, mas sim o censor intolerante.

Em compensação, nenhuma d'essas miseraveis calumnias que

rastejaram a sombra do grande escriptor, attributo fatal de quantos levantam a cabeça mais alto e attingem de mais perto o ideal do espirito humano, sem deixarem por isso de pertencer á terra onde pullulam, como uma vegetação parasita, as invejas hostis, que ferem cobardemente acantando-se nas encruzilhadas, nenhum d'esses boallos absurdos que pretenderam eclipsar o fulgor pristino do talento do cantor de Camões, resistiu ao baptismo lustral de Gomes de Amorim, depois do qual Garrett ficou sendo não só um dos mais gloriosos escriptores que honraram Portugal e enaltecera a lingua patria, como um dos caracteres mais generosos e honestos.

Para a realisação d'este objectivo, digno de um grande coração, careou Gomes de Amorim materiaes dispersos, datas esquecidas, cartas, não raro, incompletas pela acção destruidora do tempo, e sem se descorçoar, sem fazer cabedal da intriga epistolara, da insinuação malevola ou do silencio desdenhoso que responderam tantas vezes, no decorrer dos annos, ás suas ardentes investigações, á sua espantosa actividade, que nem mesmo a doença consegue levar de vencida, alcançou o illustre romancista dar-nos n'este primeiro volume, o plano da mais completa e conscienciosa biographia de quantas se tem escripto em lingua portugueza.

Levado pelo generoso intuito de não perder nenhum fio conductor no labyrintho de uma existencia agitada, cortada de lutas, envolvida na rede da politica, arrastada pelo turbilhão da guerra civil e abrazada ao mesmo tempo pela sede calcinante da gloria que lhe sorriu logo ao alvorecer dos primeiros annos, ou talvez mesmo impellido pela febre *débordante* da concepção, Gomes de Amorim insiste por vezes demasiadamente na historia minuciosa de varias scenas caseiras da infancia do grande poeta, inuteis e pueris em relação a uma obra de tão levantada significação historica e litteraria.

E já agora que me propuz apreciar francamente, segundo o meu modesto ponto de vista, o trabalho valiosissimo de Gomes de Amorim, que tem de ser aquilatado não só como affirmação de um talento copioso, acendrado no estudo, mas tambem como demonstração cabal de um coração affectivo, que fez da gratidão um culto e da admiração um apostolado, permitta-me o distincto escriptor que separe do applauso convicto que me suscita o seu bello livro as paginas 273, 274 e 275 em que s. ex.^a, a proposito da esposa de Garrett, e alludindo á illustração das mulheres e em especial ás grandes escriptoras Staël e George Sand, revela uma orientação critica perfeitamente anachronica, convencional e completamente alheia ás mais elementares noções do bom gosto litterario.

Na musica harmoniosa e suave que o estylo dos livros e das cartas de Gomes de Amorim põe ha muito no meu ouvido, é esta a primeira nota desafinada!

G. T.

FOLHETIM

O NATAL INGLEZ

O natal, a grande festa domestica de Inglaterra, foi este anno triste—d'essa tristeza particular que offerece, por um dia de calma ardente, a praça deserta de uma villa pobre, ou d'essa melancolia que infundem umas poucas de cadeiras vasiaes em torno de um fogão apagado, n'uma sala a que se não voltará mais...

O que nos estragou o Natal, não foram de certo as preocupações politicas apezar da sua negrura de borrasca. Nem a rebelião do Transwaal em que os Boers debutavam por exterminar o 94 de linha, um dos experimentados e gloriosos regimentos de Inglaterra, e que ameaça ensanguentar toda a Africa do Sul n'uma guerra de raças; nem a situação da Irlanda, que já não é governada pela Inglaterra, mas pelo comité revolucionario da *Liga Agraria*,—seriam inquietações sufficientes para tirar o sabor tradicional ao *Plum-pudding* do Natal. As desgraças publicas nunca impedem que os cidadãos jantem com appetite: e miserias da patria, em quanto não são tangiveis e se não apresentam sob a fórma flammejante de obuzes rebentando n'uma cidade sitiada, não tirarão jámais o somno ao patriota.

Não; o que estragou o Natal, foi simplesmente a falta de neve. Um Natal como este que passámos, com um sol de uma pallidez de

convalescente, deslizando timidamente sobre uma immensa peça de seda azul desbotada; um Natal sem neve, um Natal sem casacos de pelles, parece tão insipido e tão desconsolado como o seria em Portugal a noite de S. João, noite de fogueiras e descantes, se houvesse no chão tres palmos de neve e cahisse por cima o granizo até de madrugada! Um desapontamento nacional!

Para comprehender bem o encanto da neve n'este famoso Natal inglez basta examinar alguma das pinturas, gravuras ou oleographias, que o tem popularisado.

O assumpto não varia na paisagem repetida: é sempre a mesma entrada d'um parque, de apparencia feudal, por vespuras do Natal, antes da meia-noite; o céu pesado de neve suspensa parece uma gaze suja; e a perder de vista tudo está coberto de neve cahida, uma neve branca, fôfa, alta, que faz nos campos um grande silencio. Junto á grade do parque, uma mulher e duas crianças, atabafadas nos seus farrapos, com lampeões na mão, vão cantando as lóas: e ao fundo, entre as ramagens despidas, ergue-se o massiço castello, com as janellas flammejando, abrazadas da grande luz de dentro e da alegria que as habita.

E toda a poesia do Natal está justamente n'essas janellas resplandecendo na noite nevada.

Felizes aquelles para quem essas portas difficeis se abrem! Logo ao entrar na ante-camara, os tectos, as umbreiras, os espaldares das cadeiras, os trophéos de caça, apparecem adornados das verduras de Natal, das ramagens sagradas do carvalho cettico; e

*
* *

Publicou-se o n.º 27 do *Camões*, segundo anno, interessante semanario popular illustrado, cujo summario é o seguinte:

Texto: — Teneriffe — Jorge de Castro (romanco original) por Alberto Carlos — A *Camões* (poesia) por Braulio Caldas — Sá Noronha — Ao redor do mundo sem sair de casa: Ainda a Allemanha e a Russia — Os jardins mouriscos — Os kurdos — Datas memoraveis de Portugal: Batalha de Touro — Os homens uteis de todos os paizes: Volta: — Impertinente mosca, por Firmino Pereira — Sciencia para todos: O reino animal, por Doutor Jayme — O rubor da Virgem (poesia) por Balthasar Werneck — Os Cavalleiros do amor (romance historico) — Torre de porcellana — Charada — Expediente — Prospecto. — *Illustrações*: — Ilha de Teneriffe — Um jardim mourisco — Typos kurdos — Torre de porcellana.

O *Camões* custa por assignatura no Porto 260 por trimestre ou 13 numeros; na provincia, enviado pelo correio, 300 réis por trimestre e nas terras onde ha correspondentes 20 réis cada numero. Redacção, praça de D. Pedro, 131, Porto.

*
* *

Vae sair do prélo um livro do sr. Soares Romeu Junior, editado pela livraria Cruz & C.^a. Intitula-se *Nas margens do Minho*.

*
* *

Sairá brevemente a publico um novo livro do eminente prosador, o sr. D. Antonio da Costa. Tem por titulo *Auroras*. Daremos brevemente aos leitores um excerpto do novo livro, que devemos á amabilidade do autor.

*
* *

Saiu a publico o 1.º volume do novo livro de madame Rattazzi *Rattazzi et son temps*. A auctora acha-se actualmente em Madrid, onde seu marido exerce o importante logar de secretario geral da presidencia de ministros, vulgo official maior.

pelas paredes, em letras douradas ondeiam os disticos tradicionaes — *Merry Christmas! Merry Christmas! alegre Natal! alegre Natal!* E o mesmo grito se repete nos *Shake-hands* que se dão ao hospede.

Sob a chaminé estala e dança a grande fogueira de natal: a sua luz rica faz parecer de ouro os cabellos louros, e de prata as barbas brancas.

Tudo está enfeitado como n'uma paschoa sagrada: dos retratos dos avós pendem ramos de flores de inverno, as flores da neve, e todas as pratas da casa scintillam sobre os aparadores, n'uma solemnidade patriarchal. Dos grandes lustres balança-se o ramo symbolico da arvore de *mistletoe*, o ramo do amor domestico: e ai das senhoras que um momento pararem sob a sua ramagem! Quem assim as surprehender tem direito a beijal-as n'um grande abraço! Tambem, que voltas sabias, que estrategia complicada, para evitar o ramo fatidico! Mas, pobres anjos, ou se enganam ou se assustam, e a cada momento é sob o *mistletoe* um grito, um beijo, dois braços que prendem uma cinta fugitiva!...

E o piano não se cala n'essas noites! E alguma velha canção ingleza, em que se falla de torneios e cavalleiros, ou uma dança da Escocchia, que se baila, com o gentil ceremonial do passado.

E por corredores e salas, as crianças, os bebês, com os cabellos ao vento, vestidos de branco e côr de rosa, correm, cantam, riem, vão a cada momento espreitar os ponteiros do relógio monumental, porque á meia noite chega Santa Claus, o veneravel Santa Claus que tem tres mil annos de idade e um coração de pomba, e

Gazeta de Noticias

Segue no domingo, 13 do corrente, para o Rio de Janeiro, o illustre redactor e proprietario da *Gazeta de Noticias*, sr. Elycio Mendes.

Este jornalista que andou fazendo uma viagem á volta do mundo, recolhe agora á capital do Brazil, afim de que possa vir para a Etrópa o outro seu collega na propriedade da *Gazeta*, o sr. dr. Araujo.

A *Gazeta de Noticias* é presentemente o jornal mais bem redigido de todo o Brazil. Conta a collaboração assidua de Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Guiomar Torrezão, Guilherme de Azevedo, e envia-lhe correspondencias de Roma o notavel poeta brasileiro, ali addido á legação, o sr. Luiz Guimarães Junior. Feita segundo todos os modernos processos usados pelo jornalismo francez, não é de admirar que a *Gazeta* tenha prosperado muitissimo, particularmente achando-se á sua frente o espirito emprehendedor dos srs. Elycio Mendes e Araujo.

Na redacção da *Gazeta* figura tambem Henrique Chaves, escriptor portuguez distinctissimo, que se acha actualmente entre nós, de volta d'uma viagem pela Europa; José do Patrocínio, um vigoroso folhetinista que assigna na *Gazeta* com o pseudonymo de Proudhomme e outros pseudonymos festejados como os de Hop-Frog e Sylvio Dinarte, o primeiro que tem apresentado alguns bons contos realistas, e o segundo um critico muito considerado no Brazil, que occulta o nome de um talentoso medico.

ATRAVEZ DO BINOCULO

THEATRO DA TRINDADE. — *Valentim o diabrete*, opera comica em 3 actos de Vanloo e Leterrier, musica de Lacôme.

O *Beau Nicolas*, como todos sabem, fez furor em Paris.

Hoje, previamente nacionalisado e ainda por cima chrismado, promette,—o maganete!—embelecar as lisbonenses, como enfeitou as bellas do bailiado e as *gommeuses* de Paris.

Não esperam de certo que lhes conte o enredo do *Valentim o diabrete*.

Estas cousas não se contam, são como os morangos, que não se descascam nem se lavam, saboreiam-se.

O *Valentim o diabrete*, que começou a ser feliz desde que o escolheu para a sua festa artistica um dos mais bellos talentos que abrilhantam a scena portugueza, a actriz Anna Pereira, é uma opera comica fina, graciosa, maliciosa por vezes e fresca como os sor-

que já a essa hora vem caminhando pela neve da estrada, rindo com os seus velhos botões, apoiado ao seu cajado, e com os alforques cheios de bonecos. Amavel Santa-Claus! por um tempo tão frio, n'aquella idade, deixar a cabana de algodão que elle habita no paiz de Legendra, e vir por sobre ondas do mar e ramagens de florestas trazer a estes bebês o seu natal!

Tambem, como elles o adoram, o bom Santa-Claus! E apenas elle chegar, como correrão todos, em triumpho, a puxal-o para o pé do lume, a esfregar-lhe as decrepitas mãos regeladas, e offerecer-lhe uma taça de prata cheia de hydromel quente—que elle bebe de um trago, o glutão! Depois, abrem-se-lhe os alforques. Quantas maravilhas!...

Mas d'estes personagens que apparecem pelas consoadas, o meu predilecto é *Father Christmas*—o *papá Natal*.

Esse, porém, só pôde ser admirado em toda a sua gloria, quando se abre a sala da ceia: então lá está sobre o seu pedestal, ao centro da mesa,—que lhe põe em torno, com os crystaes e as pratas, um amavel brilho d'aureola caseira. Bem vindo, papá Natal! Boas noites, papá Natal!

O respeitavel ancião, com o seu capuz até aos olhos, todo salpicado de neve, as mãos escondidas nas largas mangas de frade, o olho maganão e jovial, esgaça a boca, n'um riso de felicidade sem fim, e as suas enormes barbas de algodão pendem-lhe até aos pés. Todas as crianças o querem abraçar, e elle não se recusa, porque é indulgente.

vetes de creme que principiam a seduzir-nos, em perspectiva, á medida que a objectiva da canicula começa a preocupar-nos.

A musica é de Lacôme, um maestro scintillante, de uma espontaneidade encantadora, que não aspira a guindar-se da opereta para a opera lyrica pelo caminho massador da imitação pretenciosa.

Entre muitos trechos de musica formosissimos, que o ouvido remtem logo á primeira audição, tão facil e insinuante é a maneira de Lacôme, citaremos os *couplets* da moleira no 1.º acto, que o publico victoriou e a que Josepha deu o relevo da sua voz argentina e da sua belleza *mignonne*, as coplas do moinho, acompanhadas pelo côro, esplendidamente *enlevées* por Anna Pereira, os *couplets* de Josepha «Sr. Senescal...cal», repetidos pelos coros, e a que a graciosa actriz imprimiu um sublinhado picante, e uma cançoneta engraçadissima de Augusto (o petiz) «*Pachá eu sou*», que obteve um successo.

No desempenho quasi que não ha occasião de fazer menções especiaes, por tal modo elle foi igual e primoroso.

Cabe aqui ensejo de dizer uma verdade em tanta maneira incontestavel, que chega a ser um logar commum, e é que na Trindade representa-se admiravelmente. Raras vezes se reunem em um só palco um grupo de actores eminentes e de actrices distinctissimas como Ribeiro, Queiroz, Leoni, Augusto, Portugal e Anna Pereira, Josepha, Florinda, Amelia Barros e Esther que está fazendo progressos assombrosos.

Concorrem tambem para o esmero da *mise-en-scène*, da afinação na combinação das vozes e das scenas, dois elementos raros e preciosos, um ensaiador, que tem além da sciencia do palco a sciencia da lingua, — predicado verdadeiramente excepcional em relação aos nossos ensaiadores, — como o actor Leoni, e um maestro eminentissimo como Rogel, cuja influencia tem operado verdadeiros prodigios, especialmente no regimen indisciplinado das massas coraes.

Anna Pereira, a rainha da festa, fez do papel de Camilla, tanto no 1.º acto como depois no *travesti*, um dos seus mais bellos triumphos.

A voz da grande actriz, com quanto diminuisse em volume, é sempre a mesma voz inimitavel, que põe nos *couplets* uma intenção espirituosissima e uns tremulos deliciosos que afagam o ouvido como os trilos de um rouxinol.

Bem sabemos que o rouxinol, á força de figurar em metaphoras a proposito de todas as gargantas e no lyrismo banal de todos os poetas sentimentaes, começa a estar desacreditadissimo. Entretanto, como elle continua a concorrer com a Patti em questão de harmonia e contraponto, permitta-nos a distincta actriz o simile, embora se lhe afigure uma imagem estafada.

Ribeiro interpretou com a sua habitual veia comica o papel do

E quanto mais a ceia se anima, mais o seu patriarchal riso se escancara; as bochechas reluzem-lhe de escarlates, as barbas parecem crescer-lhe, e alli está bonacheirão e veneravel, com a importancia de um Deus tutelar e amado como a encarnação sacramental da alegria domestica.

E no emtanto fóra, na neve, as pobres crianças cantam as lóas: e com que vigor tambem! É que ellas sabem que não serão esquecidas: e que d'aqui a pouco a grade se abrirá, e virá um criado, vergando ao peso de toda a sorte de cousas boas, peças de carne, empadas, vinho, queijos — e mesmo bonecas para os pequenos; porque Santa-Claus é um democrata, e, se enche os seus alforques para os ricos, gosta sobretudo de os vêr esvasiados no regaço dos pobres.

Tudo isto é encantador. Mas tire-se-lhe a neve, e fica estragado. O Natal com uma lua côr de manteiga a bater n'uma terra tepida de primavera, torna-se apenas uma data no calendario. O lume não tem poesia intima; não ha lóas; Santa-Claus não vem; o papá Natal parece um boneco insipido; não se colhe o *mistletoe*. Não ha mesmo a alegria de abrir a janella, e pôr no rebordo, dentro d'uma malga, a ceia de migalhas do natal para os pardaes e para os outros passarinhos, que tanta fome soffrem pelas neves. Emfim não ha Natal! Foi o que succedeu este anno...

Resta a consolação de que os pobres tiveram menos frio. E isto é o essencial: pensando bem, se nas cabanas houve mais algum conforto, e se se não tiritou toda a noite entre quatro farrapos, é

Senescal, não obstante não ser de molde a pôr em evidencia, os vastos recursos do seu talento extraordinario. O mesmo dizemos do papel do capitão, de que Leoni tirou todo o partido possivel.

Augusto fez do personagem grotesco do *petiz* uma *charge* engraçadissima.

Portugal excellentemente. O actor incumbido da parte do bailio desempenhou com habilidade algumas scenas.

Josepha foi uma moleira seductora, só desejaríamos que a illustre actriz se preocupasse um pouco menos com a sua belleza e um pouco mais com a sua musica.

Rochedo, Ermezinda, Godefroy, etc., concorreram para o grande exito do *Valentim o diabrete*, um digno successor dos seus prelauros ascendentes, os srs. *Dragões d'el-rei*.

G. T.

EXCERPTO DE UM LIVRO INEDITO

Despertemos a phantasia, abramos os olhos da razão ante o espectáculo que nos apresenta o momento actual do seculo em que vivemos; a impressão recebida é tão lisongeira quão profunda, e uma severa alegria se apodera das nossas almas.

Orgulhamo-nos de ser atomo de um gigante que robusteceu os seus braços e augmentou as suas forças moraes em virtude da sciencia e do cultivo das virtudes que mais ennobrecem a imagem viva d'esse ente que se occulta nos mysterios da natureza.

O nosso seculo conta oitenta annos. É um ancião pela experiencia; mas acha-se na primavera dos tempos, porque está carregado de esperanças e prepara-se para viver da herança das suas proprias obras para o porvir. Dispõe já o seu testamento para o proximo seculo; mas não o escreve com a mão tremula do octagenario que se desprende saudoso do seu thesouro, esteril já em suas arcas. Vê-se rodeado da humanidade inteira que o applaude e bendiz, porque a beneficio permittindo-lhe que elabore a sua propria felicidade, libertando-a o espirito dos laços dos velhos erros, abrindo-lhe os mananciaes da felicidade material para o maior numero, apaixonando-a pela verdade, dotando-a do direito de ser livre para pensar, para obrar, para aspirar sem outro limite que não seja o marcado pelas leis da democracia, as quaes só em nossos dias se comprehendem e se convertem em base de ordem social.

Pobres almas medrosas, as que te temem, que te aborrecem talvez, ó gigante, ó poderoso seculo em que nasceu a nossa geração! Almas ingratas.

Chamam-te ante o tribunal de Loyola para corrigir-te da tua sensualidade, da tua insaciavel sede de ouro, da tua tibieza reli-

perfeitamente indifferente que nos castellos as damas bocejassem.

Nem eu sei realmente como a ceia faustosa possa saber bem, como o lume do salão chegue a aquecer — quando se considere que lá fóra ha quem regele, e quem rilhe, a um canto, triste, uma coada de dois dias. É justamente n'estas horas de festa intima, quando pára por um momento o furioso galope do nosso egoismo, — que a alma se abre a sentimentos melhores de fraternidade e de sympathia universal, e que a consciencia da miseria em que se debatem tantos milhares de creaturas, volta com uma amargura maior. Basta então ver uma pobre criança, pasmada diante da *vitrine* de uma loja, e com os olhos em lagrimas para uma boneca de pataco, que ella nunca poderá apertar nos seus miseraveis braços — para que se chegue á facil conclusão que isto é um mundo abominavel. D'este sentimento nascem algumas caridades de Natal; mas, findas as consoadas, o egoismo parte á desfilada: ninguem torna a pensar mais nos pobres, e a não serem alguns revolucionarios endurecidos, dignos do carcere: e a miseria continúa a gemer ao seu canto!

Os philosophos affirmam que isto ha de ser sempre assim; o mais nobre de entre elles, Jesus, cujo nascimento estamos exactamente celebrando, ameaçou-nos n'uma palavra immortal que *teriamos sempre pobres entre nós*. Tem-se procurado com revoluções successivas fazer falhar esta sinistra prophécia — mas as revoluções passam e os pobres ficam.

N'este momento, por exemplo, na Irlanda, os trabalhadores, ou antes os servos do Ducado de Leinster estão morrendo de fome, e

giosa, da tua fé na razão, do teu irrespeitoso desdem pelos idolos das velhas instituições: a ti seculo XIX em que o espirito domina a materia; a crença na liberdade e no progresso tem sacerdotes e martyres; em que as montanhas se perfuram, os istmos se cortam a fim de que os braços do homem não encontrem obstaculos para se estreitar como irmãos e façam entre si commercio de factos e idéas; em que os ultimos escravos desaparecem; em que são baptisadas nas escolas pela mão de arminho da mulher de raça caucasica, as cabeças dos filhos da Africa; em que a paz tem concilios e congressos; em que Peabody reconhece o mendigo por herdeiro á porta fechada dos seus milhões; em que um valente filho do povo funde na unidade de uma nacionalidade todo um povo desunido e tyrannizado por estranhos; em que as colonias se tornam estados independentes, e em que as instituições liberaes criam emporios em poucos dias e põem o sceptro dos reis na dextra dos cidadãos que se governam a si mesmos!

Mas passemos, e digamos d'essas almas o que Virgilio disse a Dante dos condemnados á eterna obscuridade: «não façamos caso d'elles, olhemol-os compassivamente e continuemos o nosso caminho.»

Não teremos incorrido em erro por orgulho, em vaidade por presumpção, em idolatria por amor ao traçar n'estas linhas as feições do nosso seculo? As suas obras não serão passageiras e resvaladouras como tantas outras tidas por grandes e immorredouras pelo homem?

Reflexionemos e a duvida ficará resolvida.

Esses rasgos são attributos, e ao mesmo tempo resultados de premissas estabelecidas de antemão, fructos de uma lenta mas perpetua vegetação chegada á belleza da madurez. Estão adubados com sangue transformado pelo tempo em seiva; com idéas que passaram por ardentes crises que as depuraram de toda a escoria, por tentativas experimentaes incarnadas em formulas e em factos que a sciencia demonstra, que a creança apalpa; abrem caminho não pela violencia, mas pela persuasão, não pela imposição magistral, mas pelo livre assentimento da vontade e do juizo.

Vêdes essa estatua de marmore ou de bronze, obra exquisita da arte? É um facto real e bello. Que foi antes de se incarnar na materia consistente o pensamento e a alma do artista! Foi primeiro a sombra de uma idéa, o vago latejo de um sentimento, um borrão do lapis, um montão informe de barro, um ensaio em gesso: collocada no seu socco, é hoje um prodigio, uma joia que o tempo ha de respeitar, porque será defendida e custodiada por todos que sabem amar o que é bello.

Assim são as conquistas feitas até aqui, conquistas que se resumem n'estas quatro palavras—civilização do seculo XIX.

Uma phalange de pensadores, que como um côro de espiritos

o duque de Leinster está retirando annualmente do trabalho duro que elles fazem, *quatrocentos contos de réis de renda!* É verdade que a Irlanda está em revolta; é verdade que se o duque de Leinster se arriscasse a visitar o seu ducado de Irlanda, receberia, sem tardar, quatro lindas balas no craneo.

E o resultado? D'aqui a vinte annos os trabalhadores de Leinster estarão de novo a soffrer a fome e o frio—e o filho do duque de Leinster, duque elle mesmo, então voltará a arrecadar os seus *quatrocentos contos por anno.*

Não é possível mudar. O esforço humano consegue quando muito converter um proletariado faminto n'uma burguezia farta; mas surge logo das entranhas da sociedade um proletariado peor. Jesus tinha razão: haverá sempre pobres entre nós. D'onde se prova que esta humanidade é o maior erro que jámais Deus commetteu.

Aqui estamos sobre este globo ha doze mil annos a girar fastidiosamente em torno do sol, e sem adiantar um metro na famosa *estrada do progresso e da perfectibilidade*: porque só algum ingenuo de provincia é que ainda considera *progresso* a invenção ociosa d'esses bonecos pueris que se chamam machinas, engenhos, locomotivas, etc., ou essas prosas laboriosas e diffusas que se denominam *systemas sociaes*.

Nos dous ou tres primeiros mil annos de existencia trepámos a uma certa altura de civilização; mas depois temos vindo rolando para baixo u'uma cambalhota secular.

atravessaram por entre as nevoas de outras edades, desconhecidos, martyrizados, calumniados, depozeram cada um a seu turno um relampago fugaz de suas concepções, uma faisca de suas mentes, um grão de sua vontade e de sua fé, um movimento de seus corações, —e tudo isto, amassado com lagrimas e com o humor das veias de milhares de seres, converteu-se n'uma criação de fôrmas fixas, harmoniosas, sympathicas, porque é o orgulho e a esperança do homem; criação identica á Minerva antiga, verdadeiro palladio que defende no lar e na patria os interesses e os direitos de todos. Esta criação deve ser necessariamente perduravel, visto como é o resultado do trabalho successivo das gerações, representadas pelo genio e vontade na sua mais alta expressão.

Que era o commercio, quando esta criação era ainda informe? O commercio era o monopolio. Para que a Europa não portugueza nem hespanhola participasse das riquezas cobiçadas da Asia e da America, tinha que permutar ás furtadelas o fructo dos seus teares, das suas manufacturas, pelos productos coloniaes, por meio dos mercadores protegidos de Lisboa, Sevilha e Cadiz.

De que modo abriam as nações fabris mercados para as suas industrias? Por meio dos canhões. Os piratas de Inglaterra e da Hollanda que sulcaram durante um seculo as aguas dos mares americanos, que buscavam em torno das suas costas, desolando-as a ferro e fogo? Buscavam a entrada indevidamente vedada d'esses paraísos com que o genio de Colombo brindara a especie humana, e que Portugal e Hespanha monopolizavam mostrando o titulo de posse exclusiva estendido em latim pela mão de um papa. A Inglaterra e a Hollanda buscavam o commercio livre, a livre troca, que é hoje dogma da economia politica.

De que maneira se alentava o cultivo da terra, d'essa mãe generosa que dá hoje dignidade e riqueza ao homem livre? Arrancando dos areas africanos o negro, para o atar ao arado das regiões tropicaes com uma cadeia de escravo e convertel-o em bruto.

Que eram os povos? Rebanhos enfraquecidos por uma nobreza corrompida, imbecil. Esses povos tinham um pae a quem adoravam com tanto fervor como a Deus. Esse pae era o rei, que devorava como Saturno a sua propria familia. As côrtes eram lupanares ensoçados em agua benta. A mais elevada função dos cortezãos era presidir a essas tragedias sem nome, em que se repetiam de uma maneira nova e sinistra os sacrificios dos pagãos, lançando nas fogueiras os fieis á lei de Moysés e os cultos a industriosos mouros.

Essas mesmas côrtes, que são hoje? São ainda côrtes; mas um Napoleão não põe no throno uma concubina beata como Luiz XIV. A virtuosa esposa de um Coburgo senta-se sob o docel da leviana e sensual Maria Stuart. Isabel II é expulsa de Hespanha pelo povo, porque nem sequer sabe guardar o decoro de uma *manola* madrilense.

O typo social e domestico de uma aldêa Aria do Hymalia, tal como uma vetusta tradição o tem trazido até nós, é infinitamente mais perfeito que o nosso organismo domestico e social. Já não fallo de gregos e romanos: ninguem hoje tem bastante genio para compôr um côro d'Eschylo ou uma pagina de Virgilio; como esculptura e architectura somos grotescos; nenhum millionario é capaz de jantar tão bem como Lucullus; agitavam-se em Athenas ou Roma mais idéas superiores n'um só dia do que nós inventamos n'um seculo: os nossos exercitos fazem rir comparados ás legiões de Germanicus; não ha nada equiparavel á administração romana; o *boulevard* é uma viella suja ao lado da Via Appia; nem uma Aspasia temos; nunca ninguem tornou a fallar como Demosthenes: — e o servo, o escravo, essa miseria da antiguidade não era mais desgraçado que o proletario moderno.

De facto, pede-se dizer que o homem nem sequer é superior ao seu veneravel pae — o macaco: excepto em duas cousas temerosas — o soffrimento moral e soffrimento social.

Deus tem só uma medida a tomar com esta humanidade inutil: afogal-a n'um diluvio. Mas afogal-a toda, sem repetir a fatal indulgencia que o levou a poupar Noé: se não fosse o egoismo senil d'esse patriarcha borracho, que queria continuar a viver para continuar a beber, nós hoje gosariamos a felicidade infavel de *não sermos...*

(Gazeta de Noticias.)

EÇA DE QUEIROZ.

Tal é o progresso moral dos costumes do seculo. Merecem ser amados ou aborrecidos? Estão ou não nas vias do erro os que querem que a Europa retrograde aos tempos dos Hapsburgos, Bourbons e Stuarts?

Ha duas leis que não dormem um só momento no fundo da nossa consciencia, porque Deus quer que as comprehendamos e cumpramos, pois são formulas do seu plano divino — a de *nos conservar* materialmente, a de *illustrar a nossa razão* para que a alma não adoeça nem morra.

FRANCISCO DE ALMEIDA.

BREVES REFLEXÕES SOBRE O DIVORCIO

(Continuado do n.º 8)

O homem na sua juventude, primavera de flores e de grãos, idade de arrebatamentos e de velleidades, se lhe não prevalece a honra, pouco lhe importa empanar o pudor de uma donzella, ou profanar um thalamo nupcial, comtanto, que sacie a concupiscencia, e adquira a triste fama de conquistador; tendo em pouco essas usurpações, que um dia lhe hão de custar a pena de Talião.

Hoje mais do que nunca lavra a febre da immoralidade, porque, embora no ensino scientifico o homem se avante aos seus antepassados, nas letras, nas artes e na moral, talvez, pelo turbilhão revolucionario, que o envolve, e feição positivista do seculo, os não exceda, antes diremos que muitas vezes os ladeia sem primor de imitação; á parte os genios, que phenomenalmente tem a apparencia de luminares, que emitem de si a luz, e não a recebem.

Acontece pois, que muitos homens de talento e admirados, são malquistos por sectarios da doutrina, que Machaviel inaugurou.

— D'esse immoral paradoxo «alcancem-se os fins, pouco importem os meios» — exemplado em todas as condições sociaes, se engendrou essa raça egoista e insensível, dos homens que na copia de bons modelos similharia a estatuaria antiga, se pelas fendas não mostrassem o barro de que foram formados: homens, que teem o fulgor das pedras falsas, e como ellas o menos preço.

E ainda que regularmente instruidos, mas sem bizzarria de animo, avidos das emoções e dos prazeres, que a mocidade provoca, perdem-se no pantheismo moral, que os publicanos licenciosamente lhe apregoam.

«Se a mocidade soubesse, se a velhice pudesse» mais desbravado de perigos iria o caminho da vida, e menos seductora seria a tentação dos vicios; porém a fragilidade humana ainda é a desculpa dos peccadores. E são em geral as donzellas menos recatadas e os mancebos mais levianos, que mais facilmente se habilitam na loteria matrimonial, e quasi sempre com o azar.

O casamento, que affectuosa e intimamente, como a hera se enleia ao cedro, une a mulher ao homem com o fim de perpetuar a familia, e fundamentar a sociedade, é um acto natural e necessario, que o amor consumma no calice das flores, que matisam os prados; nas ramadas dos arvoredos, onde as aves se aninham com melodias; nos antros das florestas, em que as feras ameigam a prole. É um acto sempre solenne, em que o amor, essa particula do iman, que attrae os mundos, allia todos os seres nas gallas da criação.

Entre as nações civilisadas o casamento é um voto publico, religioso e civil, em que o homem e a mulher se promettem, perante Deus e a sociedade, serem um do outro com o vinculo de perpetua fidelidade.

Até á vinda de Christo fóra antes um contracto de nupcias, celebrado entre os estipulantes com certas clausulas do fóro e do culto, porém mudavel e dissolvel, conforme a categoria dos nubentes, por que o homem, escolhendo ou comprando a esposa, a seu arbitrio a podia repudiar sem grave responsabilidade; e o divorcio era muitas vezes a consequencia fatal do casamento.

Com a doutrina do Messias quebrou-se o jugo degradante e odioso da mulher; a tyrannia do marido paralisou perante a palavra de Deus, que a julgara igual, e sua companheira inseparavel no consorcio, embora a sociedade lhe não conferisse os mesmos direitos; e desde o concilio de Trento o matrimonio foi celebrado, com ceremonias religiosas e civis, e decretado indissolvel. Não era um contracto frangível, que se pudesse desmanchar á vontade dos con-

tratantes, mas um estado immudavel, em que a igreja e o codigo não permittem repôr os matrimoniados na sua anterior condição.

Assim o casamento foi considerado uma instituição fundada no direito natural para os esposos viverem em comunidade com obrigações e direitos eguaes e reciprocos. A qualidade da união é indelevel, porque o homem e a mulher, que perante o altar se ligam por adhesão espontanea, e recebem a benção nupcial, não podem invalidar-a sem sacrilegio e desrespeito á lei, que os constituiram fundadores de uma familia; sem deshonra ás familias d'onde derivaram: sem decompor a sociedade, que os recebeu no seu gremio. Essa amoravel e santa affinidade deve ser intima e intrinseca como é a do liame, que une pae e filho, que a lei nunca poderá abolir, e julgá-los indifferentes e alheios um ao outro.

Assim consummado, que seja o matrimonio, os casantes adquirem um estado indissolvel, que ainda mesmo no casamento putativo, em que um dos conjugues reputando-se viuvo contrae segundas nupcias, ou por votos religiosos inquebraveis violou o sacramento nupcial, nullo ficará, e os filhos tidos como illegitimos; porém o divorcio com liberdade absoluta para novo casamento, é prohibido, e excommungado.

Se o consorcio como acto religioso e civil produz effeitos necessarios e perpetuos, indissolvel e perpetua deve ser essa união conjugal para manter a estabilidade, ventura e decoro da familia contra as ruins paixões. Se no casamento a vontade é pessoal; se é um acto que se combina, contrae e conclue na familia, se os canones entre os catholicos o consagram, e as leis o protegem, quem o pode e deve desmanchar?! Como todas as cousas mundanas o consorcio pode ser o sol de um bello dia, ou a noite de um funesto vendaval — a palavra o significa — consorte — qual será a tua fortuna?

Hoje, em que, de todos os lados se ouve a vozeria indiscreta, e galhofeira acerca de tantos desquites, que a maledicencia apregoa e celebra, o melhor elogio, que se pode fazer de uns casados, é dizer-se que vivem bem e são amigos — estes exemplificam os modelos de felicidade.

A virtude não é um baluarte inexpugnavel; é por isso pois, que, não obstante os cuidados de uma educação esmerada, a immoralidade com seus maleficios seductores a vence e infama; e mesmo quem ha inviolavel ao dente da calumnia?

Ora, attendendo que a felicidade conjugal e domestica dependem da educação, temperamento, genio, idade, saude, condição social e meios de subsistencia dos nubentes, a que concorrem extrinsecamente a religião, forma de governo, clima, convivencias familiares e sociaes espectaculos publicos, escripturas antenupciaes e dotaes, codigo civil, licença de costumes, e impunidade de culpas, deprehende-se qual a influencia d'estes accidentes complexos sobre o matrimonio, e que muitas vezes concorrem isolada ou cumulativamente para a representação d'esses dramas immoraes, que escandalisam a sociedade e desfecham nos tribunaes com a indignação de todos.

O epithalamio seria escripto em letras de ouro, se nos seus episodios não podessem figurar as audacias dos Lovelaces, ou as demasias das cortesãs.

Entre os protestantes o divorcio pode propôr-se, e o casamento é dissolvel, se o juiz encontra motivos ponderosos para a sentença; entre os catholicos por caso algum se concede a desunião completa, e ainda na Austria, sendo um dos conjugues catholico, lhe é prohibida.

A separação de corpo e bens é o divorcio entre os catholicos, e a ruptura do casamento só pode dar-se pela morte de um dos esposos. A separação em Portugal não pode ser voluntaria, mas só determinada pelo veredicto de um conselho de familia, presidido pelo magistrado.

E como, assim mesmo, é um grande mal, porque muitas vezes acarreta a infamia e ruina de uma familia, muito cauto deve ser o juiz em admitir taes reclamações, e circumscrever os casos em que possa permittir-se o andamento d'estas lites immoraes, só intentadas para evitar males mais graves e comprovados.

A separação, comquanto seja uma lei necessaria, deve precisamente conceder-se com muita reserva e exame, porque os conjugues dissidentes não sejam irresponsaveis dos opprobrios e lesões que possam trazer ás familias: outorgue-se aos irreconciliaveis por injurias graves, em que haja perigo de offensivamente a alcançarem pelo punhal ou pelo arsenico.

É verdade, que muitas vezes o appellido de uma familia é ridicularisado e ultrajado pelo conjuge criminoso; não acontece porém o mesmo por outro qualquer motivo, mesmo dos filhos para com os paes!

A deshonra deve ficar e morrer com quem a pratica, e a justiça só tem por dever apartar do redil as ovelhas corrompidas e reunir as extraviadas.

Se fosse permitido o divorcio, que é a morté da familia, e aos divorciados a licença de tornarem a casar-se, seria consequencia fatal, além da infamia e lesão dos bens para os filhos do primeiro matrimonio, o desprezo e odio dos paes, que voltariam os seus affectos para a nova união e sua prole. Não vêmos isso praticamente nos viuvos que contraem segundas nupcias—ao padrasto e madrasta o nome lhes basta—e já por que sendo os conjuges separados por culpas de ambos, ou de um só, o que se poderia esperar d'esses enlacs matrimoniaes?! Assim sómente por graves injurias, que tragam deshonra e prejuizo á familia, como por exemplo o adulterio do homem e da mulher, com introdução de filhos esquivos, usurpando a prosapia e bens alheios; ou de attentados contra a vida, connivencia n'elles se deve conceder a separação.

N'estes casos de crime, ou aleivosia, em que é impossivel a reconciliação, então a lei deve fulminar os culpados e seus cumplices, e o conselho de familia, sómente, ou com a intervenção do conjuge innocente, pode tutellar os menores com a vigilancia do juiz.

Por outras quaesquer causas, que não constituam acção criminosa o desquite nunca deveria ser concedido, porque muitos dos desavidos conjuges por conselho ou reprehendidos voltam n'um bom acordo para suas casas; ou se a separação é temporaria e só de domicilio, tem occasião de se arrepender e reconciliar-se, o que o divorcio lhes não proporciona. Muitas vezes os esposos levianos, imprudentes, e rixosos, em idade madura e experiente, vão n'uma boa hora de juizo rehabilitar-se. Nos peccados dos sexos tão frequentes, mas não eguaes perante a sociedade, a mulher melindrase na honestidade, como a petala da flor, que foi mordida por um insecto, e o homem deshonrando evade-se sem deshonra; estes crimes immoraes custam a provar, e a impunidade reforça os attentados contra o pudor.

Em quanto o codigo fôr deficiente, para reprimir e castigar tantos abusos e crimes, bom seria por todos os meios moraes remediar estes males.

(Continúa)

LUIZ BALDY.

RUMORES DOS PALCOS

A eminente soprano, Laura Harris Zagury tem obtido um grande successo no theatro real de Madrid.

*
* *

Parece que á excepção da *Estrangeira*, *Mantilha*, *de renda e Criado brioso* não agradaram muito ao publico de Aveiro as peças representadas pela companhia do theatro de D. Maria.

*
* *

O actor Brandão, do theatro do Principe Real, faz beneficio com o novo drama maritimo de Sousa Bastos, *O demonio negro*.

*
* *

Vae realisar-se em S. Carlos um brilhante sarau de caridade, a beneficio das Crêches.

O grande pianista Rubinstein, que vem precedido de extraordinaria nomeada, estreia-se no theatro de D. Maria a 14 do corrente.

*
* *

Debutou ha dias em Paris, cantande com a Patti e Nicolini, o baixo portuguez, Augusto Pinto, irmão do conselheiro Julio Lourenço Pinto, autor do bello romance realista, *Margarida*, e actual governador civil de Santarem.

CARTEIRA DE UM FANTASISTA

O ACTOR SANTOS

(VERSOS RECITADOS EM SEU BENEFICIO PELO ACTOR POSSER, NO REAL THEATRO DE S. CARLOS)

Conhecio-o em seus dias venturosos!
ante a luz da ribalta, no proscenio,
vi-o dar fôrma ás creações do genio
entre espontaneos *bravos* calorosos.

Incarnava-se n'elle o vulto ingente
dos gigantes da lenda e dos da historia;
e, ao realçar a sua propria gloria,
dava realce ao dramaturgo ausente.

Na sua alma de artista e de poeta
toda a comedia humana se espelhava;
e os segredos sem conto adivinhava
da paixão nobre e da paixão abjecta:

O *Odio*,—o sonho máu do condemnado,
o charco onde a alma pôdre se enlameia;
o *Ciume*,—a serpente que se enleia
ao coração trahido e envenenado;

a *Hypocrisia*,—o tumulto faustoso
em que se escondem a miseria e o crime;
monstro que o impulso natural reprime,
e ao *mal* chama *virtude*, e ás *dôres gozo*;

a *Caridade*,—a luz do desvalido,
a branca fada dos ideaes amores,
que se desata em bençãos, gala, flores,
onde quer que haja fome e oiça um gemido;

a *Abnegação*,—o nobre pelicano
que rasga o seio por amor dos filhos;
o *Patriotismo*,—que repisa os trilhos
do orgulho austero e do valor romano;

o *Amor*,—o espelho eterno da poesia,
o enigma secular, a fonte immensa
d'onde brotam—as duvidas e a crença,
o bem e o mal, o fêl e a ambrosia;

o *Amor* que foi para Heloisa o inferno,
e o céu para Thereza, a santa austera;
para Ninon florída primavera,
e para a Sapho um lutuoso inverno;

o *Amor*,—a região mysteriosa
onde perpassa em grupos scintillantes
a pleiade lasciva das bachantes
e a tunica das virgens vaporosa...

— toda a comedia humana se espelhava na sua alma de artista! e o bello, a ideia, percorria de um jacto uma plateia que a voz, o olhar, e o gesto dominava.

O olhar... Perdão! O olhar do eximio artista já não penetra as multidões absortas; pois nas pupillas embaciadas, mortas, caíram sombras, apagou-se a vista!

Duas grandezas, ambas veneráveis, — a grandeza do genio e a da desdita, inscreveu-lh'as da gloria a mão bemdita da historia sobre as folhas perduráveis.

Não vê nada, e vê muito. Vê a gloria, vê a piedade, os pretos, a homenagem, juncando-lhe de flores a passagem te aos humbraes do templo da memoria!

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

CARTEIRA DE PRUDHON

Ao jantar:

Falla-se de anniversarios. Um diz que faz annos em janeiro, outro em outubro, este em março, aquelle em junho. Prudhon ouve em silencio e por fim sae-se com esta:

— É extraordinario! Todos fazem annos em dias e mezes diferentes, só eu faço annos sempre no mesmo dia!

Uma auctoridade superior perguntou a que era destinado certo edificio.

— É o hospicio dos cegos, responderam-lhe.

— Que panorama! retorquiu. Até que afinal os cegos vão ficar com uma bella vista!

Em um baile americano:

Uma dama sufficientemente madura pergunta ao seu par:

— Sinceramente, quantos annos me dá?

— Poucos, minha senhora, muito poucos...

— Sim, mas diga sempre, não tenha receio...

— Uns vinte annos... fortes!

— Não entendo!

— Com o cambio ao par, já se vê.

A familia Perdigão tomou uma nova cozinheira. O chefe de familia elogia á mesa um picado especial que a cozinheira preparara com summa perfeição.

— Está excellente, está excellente! confirmaram todos.

— Pois sim, acudiu a criada lisongeada, mas peço á senhora que não mande repetir muitas vezes. O trabalho de mastigar a carne deixou-me os queixos que nem os sinto!

ECONOMIA DOMESTICA

É natural quando se come uma amendoa deitar fóra a casca. Partindo do principio que tudo n'este mundo tem a sua utilidade relativa, vamos indicar ao leitor a maneira de aproveitar as cascas das amendoas.

Deitam-se cinco ou seis cascas em uma cafeteira com um litro de agua deixa-se ferver por espaço de um quarto de hora.

Esse liquido dá uma bebida superior ao chá.

Esta nova amendoada toma-se quente e com assucar, como o chá; juntando-se-lhe algumas gottas de rum obtem-se o melhor e o mais saboroso de todos os punch.

ANTONIO DE LISBOA.

ERRATA

No artigo do sr. Camillo Castello Branco, publicado no n.º 12 das *Ribaltas*, onde se lê: (Veja-se *Realismos*, 3.ª edição, pag. 55), leia-se: (Veja-se *Do Realismo na arte*, 3.ª edição, pag. 55.)

SECÇÃO D'ANNUNCIOS

RIBALTAS E GAMBIARRAS REVISTA SEMANAL

Publica-se aos domingos e vende-se em todos os theatros

PREÇOS

Lisboa	{	Cada numero.....	20 réis	Rio de Janeiro—Assignatura	
		Assignatura de 25 nu- meros.....	500 »	de 25 numeros...	25000 réis
				Assigna-se em casa dos srs. Sousa Tei- xeira e Moraes Calabre — 95, Rua dos Ourives, 95.	
				Assigna-se na Livraria Zeferino — 87, Rua dos Fanqueiros, 87.	

ALMANACH DAS SENHORAS PARA 1881

POR
D. GUIOMAR TORREZÃO

PUBLICADO SOB A PROTECÇÃO

DE

Sua Magestade a Rainha

11.º ANNO DA SUA PUBLICAÇÃO

À venda em todas as livrarias.— 1 volume com 407 paginas
PREÇO 240 RÉIS

LIVROS ITALIANOS

BONITAS EDIÇÕES MILANEZAS

ROMANCES E OBRAS CLASSICAS

A 300 RÉIS O VOLUME

LIVRARIA ZEFERINO—RUA DOS FANQUEIROS, 87

Encarrega-se de mandar vir livros e jornaes de qualquer ponto da Italia.

P. J. A. CAMBOURNAC

OFFICINA A VAPOR DE TINTURARIA

14 E 16 LARGO DA ANNUNCIADA

420, Rua de S. Bento

LISBOA

PRESENTES

É bem conhecido o bom gosto dos objectos que expõe o CENTRO COMMERCIAL. Ali se vê o que ha de melhor em Paris. proprio para offerecer á mais aristo. cratica dama ou ao mais distincto cavalheiro. SEMPRE NOVIDADE à BON MARCHÉ. Luvas e regalos.

LISBOA — Rua Aurea, 120 a 122.

PORTO — Praça de Carlos Alberto, 11 e 12.

Typ. de Christovão A. Rodrigues — Rua do Norte, 145, 1.º